

DISCURSO DE POSSE

José Telles

Agosto de 1894, era fundada esta Academia. Desde os albores de sua fundação, já se entendia que o declínio de uma nação era o declínio de sua literatura. Os decênios foram-lhe incorporando valores e alargando espectros. Hoje, esta Casa está, definitivamente, consolidada como o mais consagrado templo de amor às Letras. Aqui, vivem homens asfaltando o caminho das palavras, para saborear o mistério da página pronta. E, todos, são senhores deste encantamento. Aqui, as palavras se sentem felizes, como diria o poeta – acadêmico, Batista de Lima.

Há, porém, nesta Academia um muro invisível de alta voltagem. Por ele jamais passarão os imoladores de sonhos, infensos à cordialidade e ao gregarismo. Aqui, não se arrombam portas. A senha é o verbo, o amor é o gesto. Mas se o gesto imortaliza, a fama jamais será paga com a transigência. Falhas sei, esta Academia as tem. Também as teve a Academia Francesa, mãe de quase todas as arcádias do mundo. Molière tentou várias vezes o título de acadêmico, mas foi o mundo, através de sua obra, que o imortalizou. E é para ressarsir-se de falhas como esta que, na busto de Jean Baptiste Poquelin, na sala das sessões daquela Casa, em Paris, lê-se a assertiva: “Rien ne manque à sa gloire; il manquait à la notre”. Meus amigos, quando, porém, os umbrais deste sodalício são ultrapassados, assentam-se em nosso frontispício, sonhos que arfam o peito e apascentam a alma. Isto porque, “a posteridade está para o intelectual, assim como o outro mundo está para o religioso” – como bem disse – Diderot em sua clássica *Encyclopédie* (1751-1772).

Senhores acadêmicos, para desalento nosso, nem mesmo a palavra está livre das tormentas da natureza. Neste ano de 2010, uma sequência de revezes, ceifou uma fração relevante da literariedade desta Arcádia. No primeiro semestre, assediado pela ira de Thanatos, perdemos três de nossos mais ilustres pares. E, não há como calar a saudade e o respeito a

Vinícius Barros Leal, Abelardo Montenegro e a J.C Alencar Araripe. Estaríamos, porém, sendo poupados de mais tristeza se apenas repetíssemos Mia Couto: “Um morto amado nunca pára de morrer”. Mas como é belo e dá prazer, numa noite como esta, trazer nossos mortos, nossa saudade, ao nosso convívio. Esta é a mágica da imortalidade com sua pompa desafiadora dos silêncios e das horas. Vinícius, Abelardo e Araripe, nossos convidados, com suas gravatas coloridas, seus medalhões solenes, seus amores bem amados e uma educação premiada, transportaram-se do Olimpo, livros a tiracolo, prontos para os prazeres da palavra. Nesta noite, certamente, aqui estão os três, bem sentados, ora saudando, ora saudados, revivendo antigos vezos nos porões sagrados desta Casa. E para fortalecer os cânones deste sodalício, com muito respeito, devo ater-me somente àqueles que ocuparam a Cadeira nº 34. E, este é, a nosso ver, o instante mais sublime de toda esta solenidade. É neste momento que faremos cumplicidade com a memória, com a natureza líquida do passado, através da lâmina incisória do tempo. Não tenho por hábito, saber ou gravar a data de morte dos meus mortos. Mas aprendi, sem muita dificuldade, a conversar com eles. Dentro de mim, eles estuam como anjos bem alimentados e tróficos. Somos confidentes de nossas iatrogenias.

Senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores, o destino sempre foi generoso com minhas desventuras e magnânimo com meus quereres. Tenho uma afeição especial pelos memorialistas, ensaistas e historiadores. Como guardiões da memória coletiva e intérpretes da convivência social, eles espraiam a seiva do passado para ressarcir eventuais dívidas com o tempo. Aliás, nesta cadeira 34, salvo seu Patrono, todos são historiadores:

Dolor Barreira - Escreveu a *História da Literatura Cearense*; J. de Figueiredo Filho - Escrevera a *História do Cariri*; Denizard Macêdo - Tinha predileção por *Estudos Históricos*; Vinícius Barros Leal - Escreveu a sua *História da Medicina no Ceará*.

Hoje, porém, por cortesia do Olimpo e dos pares desta Casa, quebramos esta corrente. Mesmo assim, genuflexo, pedimos aos deuses que nos ajudem a reparar desfeitas, se neste ato, porventura existirem.

E, com vossa permissão, vou lhes contar uma história que começou nos idos de 1843. Nascia Samuel Uchôa, patrono da cadeira nº 34, que ora dividimos.

DOS PREDECESSORES

SAMUEL FELIPE DE SOUZA UCHÔA - Patrono

Nasceu a 21 de dezembro de 1843 no Riacho do Sangue, e, atualmente, a cidade de Jaguaratama. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1866. Iniciou sua carreira profissional como Promotor Público nas cidades de Tauá, Acaraú e Granja. Em 1870, foi juiz de Ipú, em 1874 foi nomeado chefe de Polícia da Província do Pará. Por sua brilhante atuação neste cargo, foi distinguido por el-rei de Portugal com o título de Comendador Real da Ordem Militar Portuguesa. E por ato do governo imperial brasileiro, nomeado Cavaleiro da Ordem da Rosa. Em 1885, Juiz de Direito em Campo Maior-Piauí, onde viveu por doze anos. Foi, também, juiz de Direito em Aracatí- Ceará, onde fundou o jornal Jaguaribe e um gabinete de leitura. Deputado Provincial nos biênios de 1872-73 e 1876-77. Removido da Comarca de Aracati, foi nomeado Chefe de Polícia do Ceará, no ano de 1890. Em 1891, nomeado pelo Generalíssimo Deodoro da Fonseca, Juiz Seccional do Ceará, cargo que exerceu até sua morte.

Faleceu em sua residência, no bairro Aldeota, Fortaleza, no ano de 1902, aos 25 dias do mês de junho. É patrono desta cadeira nº34 desde 1930.

Teve novê filhos, de sua união com dona Antonia Felina Domingues, todos de relevante brilho profissional.

DOLOR BARREIRA – 1º Ocupante

História da Literatura Cearense – Monografia nº 18. Com esta edição, a nosso ver, estava imortalizado Dolor Barreira, a quem, o também saudoso acadêmico Manuelito Eduardo chamava de: “o probo Dolor Barreira”.

O Instituto do Ceará resolvera, com mérito e louvor, publicar a História do Ceará. A obra, composta de várias monografias, começava com uma Introdução que já era a de nº I, e terminava com a de nº XXVI – A Evolução Filológica. Decorria o ano de 1947, o mês era dezembro. O doutor Dolor Barreira entregava ao Ceará, a monografia nº XVIII, *História da Literatura Cearense*, Tomo I, Edição Instituto do Ceará, conforme responsabilidade que lhe fora outorgada por este Instituto.

A obra analisa com detalhes e com uma perquirição invejável, o desenvolvimento de nossas letras desde o ano de 1813, com os chamados “Oiteiros, do Governador Sampaio”, até a “Iracema Literária”, de 1899. Exatos 86 anos de literatura são estudados. As diversas sociedades literárias que de permeio floresceram, todas, sem exceção, são analisadas.

O II Tomo, editado em 1951, Editora Instituto do Ceará, vai de 1900 até 1930, naturalmente, incluindo o Movimento Modernista. Este tomo ainda traz capítulos especiais sobre Papi Júnior, Antonio Sales, José Albano e Padre Antonio Tomás. O Terceiro e Quarto Tomos desta monografia vieram a lume em 1954 e 1962, respectivamente.

Senhores acadêmicos, só depois de passar horas lendo estes volumes, revendo minudências históricas e fotográficas, pude compreender quão difícil foi escrevê-los, sobretudo, sem distorcer a simetria dos fatos ou a versão laminar da História. Dolor Barreira merece pois, o aplauso permanente da intelectualidade cearense, pela obra grandiosa que ainda hoje, não encontra similaridade nos galpões ou nas prateleiras da literariedade cearense.

Em 1911, ainda estudante de Direito, casou-se com Dona Maria José Turbay Barreira, que lhe deu prole numerosa e qualificada. Perdeu a esposa em 1960.

E para se immortalizar, nascia na cidade de Solonópole, filho de Alfredo Lopes Barreira e Antonia Uchoa Barreira, a 13 de abril de 1893. Fez as primeiras letras em sua terra natal, no colégio São José. Estudou no Liceu do Ceará. Terminou o curso jurídico em 1914, em nossa Salamanca. Dela, foi Professor Catedrático e Diretor saudosos. Procurador-Geral do Estado, de 1934 a 1937. Presidiu esta Casa

de 1952 a 1954. Sócio do Instituto do Ceará-Histórico, Geográfico e Antropológico. Sua biblioteca é hoje patrimônio da Prefeitura Municipal de Fortaleza e do povo cearense, com a denominação de Biblioteca Municipal Dolor Barreira. Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, em 02 de julho de 1966.

Ao lado de sua *História da Literatura Cearense*, ainda publicou: *Investigação da Maternidade Ilegítima*, tese, em 1935; *Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos*, 1956; *Direito Sucessório – Sucessão Legítima*, 1967, e a 2ª Edição desta Obra em 1970. Faleceu em 30 de junho de 1967, quando esta cidade lacrimejou.

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO – 2º Ocupante

Nasceu a 14 de julho de 1904, na cidade de Crato, Ceará. Farmacêutico, Jornalista, Escritor e Historiador, foi presidente e sócio-fundador do Instituto Cultural do Cariri, Professor da Faculdade de Filosofia do Crato e sócio de mais de vinte entidades culturais no Brasil e no exterior. Publicou, com prefácio de Gustavo Barroso, o romance regional *Renovação*, em 1937. Sua obra de fôlego, porém, a nosso ver, foi *História do Cariri*, em 5 volumes. Faleceu aos 69 anos de idade, às 14 horas do dia 29 de agosto de 1973, na cidade do Crato.

Tomou posse no dia 11 de março de 1968, sendo recebido nesta Casa por Antonio Martins Filho.

JOSÉ DENIZARD MACEDO DE ALCÂNTARA – 3º Ocupante

Nasceu na cidade de Crato, dia 1º de setembro de 1921. Economista, Sociólogo, Historiador e Geógrafo, dono de um intelecto privilegiado. Orador brilhante, esmerado com a palavra e dono de uma fé inexpugnável. Definido politicamente, era homem radical na defesa de suas convicções. E com o mesmo penhor que defendia sua fé, também se transformava em apóstolo das liberdades democráticas. Professor da antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, professor catedrático e Vice-Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas

da Universidade Federal do Ceará e professor, por igual, do Colégio Militar de Fortaleza. Conquistou os títulos de Doutor e Livre-Docente pela Universidade Federal do Ceará.

Ingressou nesta Academia dia 10.05.84, sendo recebido por Vinícius Antonio de Barros Leal.

VINÍCIUS BARROS LEAL – 4º Ocupante

E para tornar este momento mais solene, quis a vida ou quis a morte, que o ritual acadêmico, não de substituição, mas de seqüência, nesta Cadeira nº 34, se fizesse entre descendentes da família hipocrática, sacramentados nos pergaminhos legendários da Ilha de Cós. Ouso falar de Vinícius Barros Leal. De aparência calma, educado e bom, o médico Vinícius escolheu Pediatria como especialidade. Era de puro linho o teor de suas mônadas.

Senhores Acadêmicos, em medicina, somente quem tem muito amor a dar, escolhe Pediatria – os pediatras, diz a lenda, falam com Deus. Fazem seu diagnóstico através de uma semiótica ainda púbere, retirada da aura dos anjos ou do gesto incipiente do simbólico balbucio. Prescindem da fala para seu diagnóstico, viajam além dos olhos, têm a leveza do beija-flor, e sua mão é pluma que cai, transformando o gesto em tolerância e carícia. A dor, a mímica, a careta, o riso, o choro, a cor, o sabor, a lágrima, têm uma interpretação fora dos tratados da Simiologia habitual. E somente quem tem n'alma a permissão e o endosso de Deus, pode examinar a leveza do gesto, a complacência do olhar, a permissividade do sorriso, a mudez transitória para conceber na criança, a certeza do diagnóstico e da terapêutica. Tudo isso, fez de Vinícius, o médico de Deus e o Pediatra dos homens. Bastaria esta graça, este império de decências que começou em 1942, no Recife, para imortalizá-lo. Vinícius, porém, teve uma herança comemorativa para as Letras. O pai, farmacêutico João Paulino de Barros Leal Neto, foi professor de História, Francês e Geografia e era incorrigível ledor dos clássicos e de assuntos históricos. E como se não bastasse, seu avô paterno, o clínico João Paulino de Barros Leal Filho, poeta e ensaísta,

foi seu professor de Latim e Grego, no então curso secundário. Estava pois, selado o atavismo literário do médico pediatra.

Vinícius Antonio Holanda de Barros Leal nasceu em Baturité, no ano de 1922 (nascia no mesmo ano da grande reforma desta Academia, quando então ampliou-se seu quadro para 40 membros e, definitivamente, passou a chamar-se Academia Cearense de Letras). Casou-se em 1950, 30 de dezembro, com dona Idilva Castro Alves, filha de Paschoal Castro Alves e Maria de Lourdes Moreira de Castro Alves. Teve os filhos, Ângela de Barros Leal (renomada escritora), Virgínia, Elizabeth, Fernando, Adriano, Tarcísio e Maria de Lourdes todos bem-aventurados. Bem-aventurado, também, era o acendrado amor de Vinícius por sua terra natal. Dizia Rubens de Azevedo em *Os 40 da Casa do Barão*, comemorativo do I Centenário do Instituto do Ceará, que “Vinícius é conhecido como o redescobridor da região serrana de Baturité, tal o carinho que sente pela região, que aprendeu a amar e conhecer como ninguém. Na verdade, Vinícius é uma espécie de donatário dessa simpática capitania”.

Na medicina, Vinícius foi oficial de seu ofício. Médico Legista, Pediatra da LBA, médico da Assistência Municipal, médico do IPM, onde ocupava chefia, Diretor de vários postos de Saúde, Diretor Médico do Asilo de Menores Juvenal de Carvalho, Diretor da Policlínica D. Libânia de Holanda, membro da Associação Médica Cearense e Brasileira e da Soc. Cearense de Pediatria da qual, também, foi presidente, Fellow Member da Academia Americana de Pediatria.

Mordomo da Santa Casa de Misericórdia, pertencia à Associação Cearense de Imprensa, ao Instituto Genealógico Brasileiro e ao Instituto do Ceará (o respeitado hoje, Instituto do Ceará - Histórico, Geográfico e Antropológico), exemplarmente dirigido pelo insigne companheiro e amigo, acadêmico desta Casa, José Augusto Bezerra. Recebeu a Medalha Comemorativa do Monumento a Gustavo Barroso (prêmio) e a Medalha do Centenário do Instituto do Ceará. Foi vereador por Fortaleza – 1951. Tinha como hobby a Filatelia e Heráldica (brasões).

Senhoras e senhores acadêmicos, um fato em minha vida tornou-se relevante: nos idos de 1959, era catedrático de Pediatria da nossa Faculdade de Medicina, o saudoso Prof. João Valente de Miranda Leão. Quando o professor João Valente faleceu, assumiu a cátedra, o mestre Aluysio Soriano Aderaldo, que neste ano comemoraria 96 anos, pai de nossa querida acadêmica Noemi Elisa. Vinicius Barros Leal era seu assistente. À época, lembro bem, ao cursar a cadeira de Pediatria, tive o privilégio de colher ensinamentos dos mestres, Aluysio Soriano Aderaldo e Vinicius Barros Leal.

Literariamente, Vinicius foi muito rico e generoso. Seu legado, além de premiado, contém uma abrangência histórica tão relevante que provocou de Joaryvar Macedo, ao recebê-lo nesta Casa, na noite do dia 10 de maio de 1984, a seguinte admiração: "Nas obras de Vinicius Barros Leal revela-se um historiador por inteiro, porquanto demonstra possuir a visão global da história. Se por um lado descobriu documentos, fez conhecer algo de novo e desvendou mistérios, de outro ângulo analisou-os devidamente e interpretou-os originalmente, conseguindo elaborar sínteses, porque teve a necessária compreensão dos fatos".

No mundo das letras, pois, Vinicius foi magnânimo. Colaborador das revistas *Verdes Mares*, *Itaytera*(Crato), *Revista do Instituto do Ceará* – Histórico, Geográfico e Antropológico e, obviamente, da Revista desta Academia. Colaborador, também, dos jornais *O Povo*, *Unitário* (extinto) e *A Verdade*, este de sua querida Baturité.

Suas obras publicadas estão bem referenciadas e reverenciadas na *Antologia da Academia Cearense de Letras*, Edição do Centenário – 1994 – Fortaleza(CE), proficientemente organizada pelo mestre e acadêmico Sânzio Azevedo, que assim as ordena: 1 – *História de Baturité* – época colonial (1978); *História da Medicina no Ceará* (1978). *O Bumba-Meu-Boi* (1982), *Os Bezerra de Menezes* (1976 e 1982), em colaboração com Eduardo Bezerra Neto e General Teles Pinheiro; *D. Antonio de Almeida Lustosa* – Um discípulo do Mestre (1992). Com os livros *Bumba-Meu-Boi* e a *Colonização Portuguesa no Ceará*, recebeu os prêmios Leonardo Mota e Universidade Federal do Ceará, respec-

tivamente. Faleceu, entre seus amores, dia 13 de abril de 2010, em Fortaleza, a, apenas, 100 km de sua querida Baturité.

E para encerrar este momento sobre meus mortos, pranteando-lhes a memória, peço licença a este plenário para citar o pensamento de Henri Amouroux (1966) diante das transportadas cinzas do legendário Jean Moulin (Résistance), Panthéon de Paris: "Sans lui rien n'aurait été pareil. Après lui rien ne sera pareil"

Do Sucessor

**Senhores acadêmicos
minhas senhoras
meus senhores**

Venho de uma caminhada tangido pelos ventos da esperança. Nesta noite, tenho n'alma e no corpo, *O Grito* do dinamarquês Edward Munck, não por desespero ou tetania, mas por pura gratidão. "Sinto-me inaugurado" como dizia Mário Quintana, em *O Idiota da Aldeia*. Tão leve estou que já nem tenho sombra. Tanto já amava esta Casa, que meu amor se confundia com o medo, mesmo sabendo que meu medo tem a violência do pânico. Embriagava-me esta confraria de tantas cores e saberes. Às vezes, muitas vezes, caminhava castigado pelo látego das adversidades, já quase descrido. As vicissitudes porém, jamais tingiram-me as esperanças. Algumas vezes, até nas pirâmides da noite procurei abrigo, mas minhas mãos escorregavam no silêncio das esperas. Viajei sem bússola, mas jamais aceitei a perda com acomodação. Minh'alma lacrimejava enluarada pelas ruas, com dores envelhecidas em tonéis de silêncio. Minha desilência porém, sempre absorveu bem as tormentas e os temores da vida. Nada porém, impedia-me de ver uma flor à distância ou até mesmo um arbusto na pequenez de seu silêncio. A vida para mim sempre fora um prêmio. Muitas vezes, no meu crucifixo estava eu, em exercícios de morte. Vicejei em estufas precárias, bem sei, mas sem comprometer minhas intimidades nem enfraquecer a coifa medular de

minha essência. Minha esperança, mesmo torturada, sempre esteve comigo. Como todo homem, porém, não estou isento de reparos. Sou o bipolo de minhas adversidades. Por delicadeza quase perdi meu silêncio. Quase. Consolava-me, porém, o ócio que infere e compensa a falta. Sou caboclo das ribeiras de Bitupitá, vila de uma só calçada. Tão pequena que até as sombras se falam. Toda ela cabe na palma de minha infância, mas é nela, que sempre meto a mão, para escandir minhas dores e enfeitiçar meus duendes. Sou caboclo que tocou o sino das igrejas, que despiu o ventre das lagoas e, na esperança dos invernos, dançava o madrigal das chuvas. Desafiei o rio em sua paz e pisei na lama generosa dos salgados, cresci como diria Machado de Assis, “entre as magnólias e os gatos”.

Meus amigos, sei bem, nem sempre a fé sara as feridas que a cidadania esqueceu. Avarias na alma, as tenho. E, se por vezes, desci aos infernos não foi para libertar Eurídice, mas para conviver com meus tormentos, minhas idiosincrasias e, sobretudo, para melhor entender o coração dos homens. Tive uma alma de sílica que contraiu pneumonia nas minas do padre eterno. Por isso, tenho lembranças involuntárias, lembranças proustianas que soberanamente me atormentam. Meu passado, pois, tem seus fantasmas, mas se parte dele perda foi, para mim será sempre saudade.

Senhoras e senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores, o tempo tingiu-me as cãs e tatuou-me as entranhas, minhas viagens muito me ensinaram, e os livros me deram caminhos. Mesmo assim, tenho que fazer em mim uma devassa, disso sou senhor. Mas, neste momento, peço-lhes a devida vênia para confessar-me, hipoteticamente, absolvido da morbidez de meus pecados e da resina vã de meu passado. Não sou senhor de próspero haveres, digo-lhes com toda pureza d’alma, mas trago em minha matalotagem a soma que protege e o amor que se divide. Trago uma hipomania produtiva, que não se arrefece com o hábito. Gosto de servir porque nunca fui senhor. Tenho a filigrana do gesto e a minha mão estendida é meu jeito de fazer amigos. Sou endêmico e epidêmico quando amo e tenho do amor a vastidão que liberta. Minha ancestralidade é meu limite e minha coragem desafia impossibilidades.

Assumo esta Casa, presidenciada por Pedro Henrique Saraiva Leão, professor de borla e capola, fiel amigo e douto Senhor. Aqui, venho completar um aprendizado e como o personagem Meursault, de Albert Camus, em *L'étranger* "Jamais serei condenado por indiferença às minhas emoções". Estou, pois, de paisagem e lágrimas feito. Tenho eu a certeza de que não fui escolhido por recomendação expressa do Olimpo. Reconheço os senões de minha alteridade. Mas uma coisa me conforta, tenho a certeza de que estou muito bem alojado no coração dos pares deste Sodalício. E nada melhor do que ser escolhido por amor. E sob este viés, pousa-me à mente, Santo Agostinho em, *De Civitate Dei*: "O destino coincide com a vontade de Deus". Meu primeiro livro, confesso, alternava uma linguagem cifrada com palavras semi-dicionarizadas. Modestas coplas sei, eram donas de meus crepúsculos. Tive porém, de Deus, dos amigos e dos livros, a piedade que conforta e a ajuda que engrandece. Hoje, escrevo um poema, cauteloso, como quem desce um precipício, no limite de minha alteridade. Estaria propenso até, a acreditar que "já passei da palavra informe para a palavra em em forma", como bem disse o mestre Pedro Paulo Montenegro, no posfácio Dimas Macedo e sua Obra Literária, em "Crítica e Literatura" – Dimas Macedo – 2ª Edição, Edições Poetaria – 2008.

Isto posto, senhoras e senhores, a mim parece, este é o momento que melhor se quadra para agradecer. E prendo-me a ele de alma cheia. Sou-lhes imortalmente agradecido. Tenho em meus olhos, a lágrima que comove e, em meu peito, a gratitude dos bem-nascidos. Nesta noite, por conta de tanto amor em sonho feito, esposa-me uma emoção vicariante: ora, minh'alma pede socorro, ora meu corpo retorna ao vício da lucidez, para avaliar o que fizeram em mim, tantas generosidades. Mas, lhes afirmo sem um til de mais nem menos, minha gratidão mora em palácio e é muito bem servida. Está sempre genuflexa e tem, para meu prazer, uma face poliédrica espelhada, para não olvidar sequer, a grandeza do silêncio. Hei de, eternamente prodigalizar reverências. E não me furtarei às fastidiosas nominatas, que no dito de nosso presidente Pedro Henrique Saraiva Leão, são também traiçoeiras. Assim me arrisco.

- Agradeço ao Presidente e Vice-Presidente desta Casa, cumpridores de velhas promessas e amigos raros. Estendo a mão, carinhosamente, a toda esta Diretoria.
- Ao Ministro Ubiratan Aguiar, grande amigo que por amor, sempre ajudou a cultura cearense.
- Ao Desembargador Ernani Barreira, que há 5 anos presenteou-me com História da Literatura Cearense – 4 volumes, de seu avô, mestre Dolor Barreira. E mais, nesta eleição, sem desculpas, ofereceu-me o privilégio de seus préstimos.
- Ao amigo, César Montenegro, primeiro grande incentivador desta minha titularidade, quando tudo ainda era silêncio.
- Ao mestre Pedro Paulo Montenegro, apoio permanente, fiel escudeiro, obrigado!
- Aos dois Acadêmicos-Ministros, César Asfor Rocha e Napoleão Maia e, também, às Acadêmicas Ângela Gutierrez e Marly Vasconcelos que para minha surpresa, a mim telefonaram, mimoseando minha credibilidade e desobrigando-me da tradicional angústia do “vote em mim”. Muito obrigado!
- À minha querida Noemi Elisa, arquiteta de minha eleição. Devo e sou bom pagador. Obrigado!
- Aos companheiros da ALANE, representados pelos, também, Acadêmicos desta Casa, Regine Limaverde, Horácio Dídimo, Giselda Medeiros e Linhares Filho. Agradeço de coração, a convivência e a credibilidade.
- Obrigado ao amigo e acadêmico Genuíno, contemporâneo no ginásio São Luiz Gonzaga, em Parnaíba-PI, parceiro de envelhecidas lembranças.

- À Bibliotecária Madalena Figueiredo que me ensinou os caminhos desta saudação. Obrigado! À Regina e Cláudia que a mim souberam acolher.
- Obrigado à toda Diretoria do Ideal. E de um modo muito carinhoso e agradecido aos meus três presidentes, Aramicy Pinto, Humberto Cavalcante e Alcimor Aguiar Rocha Júnior que, também, são co-responsáveis por esta minha alegria.
- Aos acadêmicos Luciano Maia e Carlos Augusto Viana, os dois mais terríveis marqueteiros de campanha, com quem convivo diariamente. Aprendi a amá-los como irmãos. E, bras dessus, bras dessous, estaremos por aí fazendo caminhos.
- Aos meus filhos/filhas do 1º matrimônio: Milena com seus queridos, João Evangelista e Pedro Henrique Evangelista Telles; Ao Guilherme com sua querida esposa Rochelle; Ao Germano, sobre quem sempre festejamos a saudade dos irmãos ausentes, e à queridíssima caçula Mirella, meu pedaço de amor que a América extorquiou. À minha ex-mulher Dra. Francymary – a quem devo respeito, admiração e todo esse belo patrimônio.
- A dupla querida, João Pedro e Arthur Henrique, meus filhos, de última geração, benção gemelar de Deus, que como Fênix, fizeram-me renascer das cinzas. Tudo sob a batuta da maestrina Ana.
- Aos meus queridos irmãos presentes e ausentes: Aauto, Paulo, Antonio, Francisca e Maria, minha gratidão por tudo que fizeram por mim. Os três primeiros, durante bom tempo, foram meu patronato. Muito obrigado! Às suas esposas, muito obrigado!
- A minha mulher, Ana Karena, e a minha sogra Magdala, novos amores, que tangeram de mim os ventos da solidão. E como dizia “como é absurdo e delicioso estar apaixonado por alguém mais jovem” – Barbara Pym em “Amor Dividido”.

- A você, Carlos Augusto Viana, a paga por seu fala, “são estas lágrimas de alegria em meus velhos olhos, já quase fatigados”; como diria Gerardo Melo Mourão na posse do poeta Juarez Leitão nesta Academia. Hoje, sua fala, ó irmão Carlos Augusto Viana, foi a síntese desta nossa imensa relação. Poucos regalos em minha vida, os tive de tamanha monta. Um beijo.
- As famílias de meus predecessores aqui presentes, em particular a de Vinícius Barros Leal, Dolor Barreira e Denizard Macedo, meus agradecimentos e a minha solene reverência.
- E por último, quero beijar e abraçar meus mortos, com quem prazerosamente, divido esta Cadeira. E quero, perfilado, aprender com eles o caminho da imortalidade.

Muito obrigado!